



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

9 de Fevereiro de 1991

Ano XLVII — Nº 1224 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



O Calvário é leito de Esperança para quem aguarda a partida, seja inválido que entorpecceu ou canceroso que se vê corroído por mal implacável. A Esperança é mesmo a virtude cristã que está na base desta Obra que recolhe somente incuráveis.

SETÚBAL

Ecos de comunhão e partilha

O cortejo de oferendas chegou até nós com a aproximação do Natal, em plena festa e na sua oitava.

Além dos que nunca se esquecem e fazem da Casa do Gaiato o ponto de encontro das suas dádivas a Deus, no Advento e Natal, vieram também os que feridos pela situação dramática da família dos sete filhos e entusiasmados com a dedicação cristã relatada, da mãe de família, se privaram alegremente de satisfazer necessidades mais urgentes e repartiram as suas privações com estes Pobres obrigados a sofrer tudo.

Foi muito lindo o nosso Natal!

A família sem casa adquiriu uma, e muita gente praticou acções heróicas. O Reino de Deus tornou-se evidente e a felicidade resultante não tem comparação. Nem de rastos e com os joelhos em sangue, darei graças pela alegria vivida.

De Norte a Sul do País, mais do Norte, soaram ecos concretos de comunhão e partilha.

A assinante 22421 manifesta-se assim: «Como assinante do tão querido O GAIATO, cuja leitura tanto me ajuda a melhor compreender e amar os mais pobres, li o sen apelo da família que precisava de uma casa. Eu sei o que é a alegria de ter uma casa. Sonhei com ela durante muitos anos e hoje agradeço muito ao Senhor, a familiares e amigos que me ajudaram a realizar este meu sonho. Quero marcar a minha presença com esta migalhinha, cinco contos, e os meus encargos ainda são grandes. Mas é do coração».

Outra assinante conseguiu mobilizar o pessoal dos Serviços Farmacêuticos dos Hospitais da Universidade de Coimbra e, com um cartão rico de beleza, enviou um cheque de 25.600\$00. A viúva já aqui lembrada, que perdeu um filho no Ultramar e mora numa barraca na Musgueira Norte, mandou dez contos. Oh maravilha!...

N'O GAIATO não cabe o deslumbramento vivido, momento a momento, na quadra natalícia passada. Foi o correio com vales e cheques. Foi a campanha da D. Luísa com 355 pares de meias e 282 biquínis. Foi a desobriga daqueles que se comprometeram, em consciência, adoçar o Natal dos rapazes e trouxeram, com abundância, os seus bolos, o fardo de bacalhau, os setenta frangos mortos, as duas ovelhas, o vinho doce, os sumos, os cobertores e muita roupa. Foram as campanhas das escolas e paróquias com material escolar, brinquedos e mercearia.

Continua na página 3

Correspondência dos Leitores

Esta carta chegou quando a que publicámos há quinze dias sob esta epígrafe e foram as duas que me motivaram ao artigo de então e ao de hoje.

«Ultimamente, tenho visto ceñas que já há muito não via na cidade do Porto: velhos e novos a dormir em portais, ou entradas de lojas. Será que as nossas autoridades não vêem este problema tão injusto na humanidade? Nesta altura, também gostaria de enviar um donativo para ajuda destes problemas. Quero dizer: Será que o jornal O GAIATO poderá fazer um artigo, com uma fotografia, para assim talvez haver alguém que pudesse ter a iniciativa de criar, na cidade do Porto, um albergue para que estes nossos irmãos desamparados pudessem, ao menos, ter uma cama para se deitar? É chocante, com este frio, ver pessoas a dormir ao relento.

Eu falo em albergue, para compreender o que desejo. Mas se houvesse ou se criasse uma Associação de Amigos, da qual eu fazia parte e colaborava, seria uma Residência do Amor.

Desculpe por este tempo que lhe roubei; mas penso que talvez O GAIATO possa dar o pontapé de saída para mais uma obra de grande humanidade.»

Ora vamos lá esclarecer e procurar doutrina.

Albergue, há um no Porto, na Rua dos Mártires da Liberdade, e uma Associação que o rege, à qual a nossa correspondente pode, desde já, associar-se. Mas é uma gota de água. Ao do Carvalhido, vulgarmente conhecido pela Casa dos Pobres, durante muitos anos dirigido por esse Homem admirável de dedicação e de sentido de bem-fazer, o Tenente Rangel, foi dado outro destino, decerto útil, mas que deixou um grande vazio neste sector de miséria e marginalidade.

Aliás, no tempo que nos tem sido dado viver, assistimos já a extremismos entre a supressão dos Albergues e a consideração dos ditos como panaceia universal. Num momento de alta desta segunda ideia, chegou até a ser ameaçada a nossa Casa do Gaiato de Setúbal, que foi construída para Albergue de Mendicidade e depois achada mal empregue nesse fim, em razão da sua grande quinta e das condições propícias a uma obra de recuperação, eminentemente activa da parte dos utentes.

Como sempre, o acerto está no meio: nem tudo Albergues, nem exclusão dos mesmos. Infelizmente, o leque multifacetado da Miséria pede respostas diversas, adequadas aos tipos de mal que se pretende remediar.

O Albergue do Carvalhido faz falta. E uma boa propriedade que então lhe pertencia, na Ponte da Pedra, oferece condições para o ressuscitar.

Continua na página 3

CANTINHO DOS RAPAZES

A Obra da Rua deve gerar os seus continuadores

Agora mesmo, a meio da manhã, o Júlio Mendes telefona da tipografia a dizer-me que o Silva não vinha dar a aula de formação técnica aos fotocom-

positores porque teve um acidente. Mas viria logo que pudesse, mesmo de comboio!

À pena do Júlio juntou-se a alegria de saber que o Silva andava cheio de interesse em dar a mão aos nossos rapazes da tipografia, seus irmãos mais novos, doutra geração. Logo no princípio,

quando o abordámos com a proposta de vir, porque a morte tinha-nos levado o Bernardino, mestre da fotocomposição, deu-nos muita esperança e muita confiança. Veio, experimentou, gostou, sofreu, perseverou. Nem o seu trabalho normal e exigente, em empresa do ramo, o impediu de ser

generoso para com a Casa do Gaiato que lhe serviu de berço, ao longo da sua infância, adolescência e juventude. Quem não se lembra do «Príncipe»?! Apetece-me dizer que o nome, aqui, significa o sangue azul da gratidão, da generosidade vivida com simplicidade e alegria.

Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO



Neste ambiente de alegria e fraternidade — tendo como pano de fundo as belezas da Natureza — os gaiatos esquecem as agruras que sofriam na Rua e despontam para a vida.

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — Sendo O GAIATO a fonte onde promana quanto distribuímos pelos nossos Pobres, e como é tradição na primeira edição de Fevereiro, revelamos aos nossos leitores as contas do ano anterior, cumprida a obrigação de transmiti-las, formalmente, ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Mais do que os valores materiais, no campo espiritual testemunham a riquíssima partilha cristã dos leitores d'O GAIATO, a maior parte sob anonimato — decalcado na Boa Nova. São presenças que estimulam. Algumas, verdadeiras doações: Pobres que dão a mão aos Pobres.

Recebemos pel'O GAIATO: 3.711.500\$00; doutras proveniências, 38.748\$50.

Em auxílios domiciliários entregámos 1.123.940\$00, mantendo lareiras acesas, mesas com o mínimo indispensável à subsistência dos Pobres. No sector da saúde, pagámos à botica 215.655\$00 que aliviaram ou curaram muitos sofrimentos. Para além das ajudas que as crianças e jovens recebem, oficialmente, dos serviços sociais escolares, dispndemos 39.045\$00 na compra de livros, material escolar, etc. Salvaguardando, em futuro próximo, as pensões de reforma e benefícios da Segurança Social (regime especial) de alguns Pobres, participámos no respectivo descontos com 60.000\$00. Como exige a Regra, transferimos cem contos para o Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Aplicámos vinte e três contos em despesas diversas. Investimos no sector da habitação: 1.150.000\$00 na reconstrução e ampliação da «Casa do Xai-Xai»; em outras moradias do Património dos Pobres, 119.852\$00; por onze Autoconstrutores, 393.750\$00; em rendas de casas, 127.500\$00.

Por tudo quanto a Providência dispôs por nossas mãos, olhos na Fé e face às nossas limitações, mais não podemos do que expressar, sinceramente, muitas graças a Deus.

PARTILHA — Oferta da assinante 10770, em sobrescrito muito discreto.

O costume, da «Avó de Sintra» que lamenta: «Espero que possam ler o pouco que escrevo, pois cada vez vejo menos». A legibilidade é total!

Assinante 31881, da Vila do Espinhal, 7500\$00. «Contribuição mensal» da assinante 14493, do Porto. Remessa habitual, do Fundão, com a amizade de sempre. 1900\$00 da assinante 16415, de Barcelos, por alma do irmão: «Foi ele que me levou a conhecer a Casa do Gaiato, há mais de 40 anos, e, nesse dia, inscrevi-me assinante d'O GAIATO».

Anónimo, de Vila Nova de Famalicão, manda um cheque e sublinha: «Amontoado com outras verbas ajudará a amenizar as carências de algum nosso irmão, protegido pela Conferência de Paço de Sousa».

Outro cheque, da assinante 23778, da Covilhã: «Junto 35.000\$00 que, inicialmente, se destinavam a lembranças e correspondência, mas agora resolvi que fossem para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. E Jesus me aceite como se tivesse escrito a muita gente necessitada de belas mensagens de Amor. O dinheiro seja para o que for mais necessário, por intenção da conversão de nós todos».

Em nome do Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — No dia vinte, do mês corrente, mais uma vez defrontámos e massacrámos a equipa vizinha, das Cavadas.

O treinador convocou elementos da equipa A e B. Jogo bem disputado. No final, ganhámos por 6-2.

Gostamos muito das equipas que vêm jogar connosco. Agradecemos e queremos continuar a recebê-las com amizade.

KARATÉ — Estamos no bom caminho. É bonito ver os nossos karatecas a treinar. Já falta pouco tempo para o próximo exame. Temos que nos aplicar para recebermos o cinto laranja.

Precisamos de material desportivo. Também de karaté, evidentemente. Aceitamos todo o tipo de equipamento. Obrigado.

OBRAS — Os pedreiros estão a trabalhar no muro que rodeia a nossa quinta. Ruiu com o peso dos anos — dos séculos...

CARAS NOVAS — Vieram mais dois, na semana passada. São irmãos: o Mauro, que tem treze anos, e o Sérgio, onze. Vieram de Lisboa.

Artur

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Deus nunca se esquece dos Seus filhos e aqueles que

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

DOUTROS AUTORES: **Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista; A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.**

★

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

trabalham para o seu semelhante também recebem muitas alegrias.

Há dias, recebi em casa um telefonema por volta das vinte e duas horas. É claro, ficámos admirados. Para nosso espanto, era um dos nossos Pobres, dizendo que o seu filho queria falar connosco. Este nosso amigo não se tinha esquecido de nós no dia dos seus anos, e gostava que fôssemos comer um bocadinho do seu bolo. Ficámos contentes com o convite. É sensibilizante o carinho que têm por nós. Pai Américo tinha muita razão quando dizia que os Pobres eram a sua família. E é bem verdade, os Pobres já fazem parte da nossa família. Quando têm alguma necessidade é connosco que desabafam, não só na parte material como na parte moral; gostam de ouvir os nossos conselhos e já contam connosco para as suas confidências.

Por isso, aqui muito humildemente lanço um apelo a todos e aos vicentinos em particular. Vicentino, não desanimes porque o teu trabalho em prol do teu irmão mais necessitado é recompensado com estes mimos que recebes de quem visitas. Deus não esquece jamais, pois trabalhar para o nosso semelhante é já por si um dom que recebemos de Deus. Vamos guardar e alimentar este dom que Deus nos deu, dentro do nosso coração. É sem dúvida excelente que cada

confrade ame o trabalho que faz na sua Conferência. Pai Américo sofria com os Pobres porque vivia os seus problemas. Se nós, confrades, queremos ser verdadeiramente vicentinos, temos que ser portadores de amizade e sofrermos as suas necessidades, porque na sociedade em que vivemos, de exploração e egoísmo, surgem muitos obstáculos. Por isso é necessário que as pessoas se convertam e possam ver o seu erro, emendando-se.

A elevação do nível cristão das nossas Conferências é um facto que nos deve regozijar e pelo qual devemos trabalhar sem descanso.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Da nossa muito amiga e querida Leonilde, a já habitual oferta com estas belas frases: «Cristo Nosso Senhor é o mesmo de ontem, de hoje e para toda a eternidade, que perdoa, sara e liberta!»

5.000\$00, de Óscar. 20.000\$00 da nossa irmã Esmeraldina, de Sever do Vouga. Anónimo, 1.000\$00. M.A.P.S., de Gaia, 5.000\$00. Assinante 10770, 2.000\$00. Da assinante 3423 recebemos 5.000\$00. Que Deus lhe dê força e coragem ajudando-a no seu sofrimento e não a abandone jamais.

Casal vicentino

Cooperativa de Habitação

OFERTAS — Maria Teresa, do Porto, 1000\$00 «para algumas, bem poucas, telhas da vossa Cooperativa de Habitação»; um envelope, anónimo, com 10.000\$00; 2.000\$00 com estas palavras: «Agradeço que aceitem o pequeno contributo que transporta uma boa parte do meu coração. Que Deus desperte todos aqueles que muito têm para que o vosso sonho de facilitar casa aos gaiatos com dificuldades, seja em breve uma realidade»; Lúcia Glória, do Porto, «para os gaiatos que casarem terem uma casinha, envio 20 mil escudos, metade da minha reforma. É pouco, mas de boa vontade». Natália, do Porto, cheque de 50.000\$00 para uns «tijolinhos» das «futuras casinhas construídas através da Cooperativa de Habitação. Quando puder, vão mais umas migalhas».

Na descrição acima é curioso verificar a grande sensibilidade das mulheres portuguesas para situações onde a solidariedade humana é necessária.

Se fizermos uma análise às nossas crónicas, encontramos uma grande

presença feminina nas presenças que chegam.

Não está em causa o valor material da oferta, mas o valor humanístico que transmitem.

Em muitas cartas é patente o coração de mãe pela maneira como são escritas.

Sabemos que muitas mães portuguesas vêem nos gaiatos filhos como se de seus verdadeiros filhos se tratassem.

Obrigado mulheres de Portugal!

Carlos Gonçalves

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

RETALHOS DE VIDA



«VIRA-LATAS»

Eu chamo-me Paulo Jorge Raposo, por alcunha o «Vira-Latas».

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, com seis anos. Agora tenho quinze.

Nasci em Luanda. Os meus pais trouxeram, também, por esta nossa Casa, o meu irmão Nilton, porque não nos podiam sustentar. Estou muito longe da minha querida Angola...!

Somos quatro irmãos. Gosto principalmente do Nilton, que está comigo.

Frequento a quarta-classe da Instrução Primária e já devia estar mais avançado...

Quando for grande, gostaria de ser jogador de futebol.

Paulo

PARTILHANDO

• Caro Paulinho.

Não era uma vez... É. É um jovem que foi menino. Tu mesmo que ontem, antes de partires (de fugires), meteste debaixo da porta do meu quarto um papel onde escreveste: «Desculpem-me, mas vou embora trabalhar com fulano...»

E foste. Partiste sem uma despedida... Pelo menos, uma lágrima de gratidão para com as senhoras da Casa que te criaram desde bebé. Vinhas muito doente e fraco... As vezes que te levaram ao Hospital! As noites sem dormir! Os beijos que te deram!

Eras como é agora o Paulo. Até o nome! Viste os carinhos que este tem recebido de todos nós.

Procura recordar a tua infância... Depois, os teus estudos e valorização?

Vais sentir-te realizado, servindo num bar ou carregando e descarregando caixas?

Recordo e gostava que conhecesses aquela mãe que os filhos trocaram por droga e más companhias. Voltaram costas e foram... Todas as manhãs ela sobe aos seus quartos — arruma, limpa o pó e alisa as camas.

Todos os dias renasce no seu coração a esperança do seu regresso.

Sabes, ainda não foi ocupada a tua cama... Lá está no quarto dos chefes da casa-mãe, paredes meias com o que foi o primeiro quarto do Pai Américo.

• Alguma vez os patrões que, com gana, procuram os rapazes «para lhes darem trabalho e os ajudarem», dizem, se preocuparam ou preocupam com a sua valorização pessoal?

Quantos dos que foram seduzidos (pelo ordenadinho e comida) continuaram a estudar ou estão aprendendo uma profissão?

Aparentemente, caridosos e protectores; mas, na realidade, aproveitadores, até ao tutano, de jovens em crise de idade e espírito de aventura.

Mais do que um mau estacionamento me parecem estes casos dignos duma intervenção das autoridades.

• Diante de uma grandiosa sede social quase totalmente comparticipada pelo Estado, alguém, na minha presença, se interrogou:

«Não estaremos nós, Igreja, a reforçar os laços de ligação com o poder político — pedindo e aceitando verbas, participações e ajudas que muitas vezes nos podem alienar?»

Acrescento:

Se todo o esforço despendido em construções requintadas e enormes fosse entregue, com alma, à formação de comunidades de base e de vida? Até que estas não precisam de grandes catedrais e salões... A copa de uma árvore, uma sala de família ou cozinha de modestos lavradores. E também porque nós reunidos em Seu nome é que somos verdadeira Igreja.

Onde, no presente, a pompa e grandiosidade dos mosteiros a favor da evangelização?

A cada período de grandeza e poder o Senhor tem dado a sua lição...

Segundo o Evangelho:

Nós, crianças...

A Igreja, criança...

Uma criança nem tem poder nem é importante. Ela se deixa guiar.

Sentaram o Senhor num cepo, enterraram-Lhe na cabeça uma argola de espinhos e meteram-Lhe na mão uma cana...

«Salvé ó Rei!»

Onde o Criador do universo?

O Cristo-Rei?

O Todo Poderoso?

Ali! O mais ínfimo! Um farrapinho!

Se não decrescermos e não nos apresentarmos pequenos, fracos e sem bagagens, não entraremos no Reino.

Deixemo-nos guiar por Ele-Menino-Pobre-Fraco e na Sua paixão reduzido ao fracasso.

O Senhor escolheu o fracasso. Ainda o ama. Porém, nós lhe fugimos como se de um monstro se tratasse.

«O que aos olhos do mundo é vil e desprezível...», é para Ele a mais bela montanha de neve num dia cheio de sol!

Padre Telmo

DOCTRINA



...conquistar por amor...

• O homem põe e o gaiato dispõe. Tinha posto conduzir, este ano, em dois grupos, cem pequenos da rua e sou obrigado a fazer três turnos de cento e cinquenta ditos, que eles assim o dispuseram. Não há ninguém que resista ao pedido directo e teimoso do catraio. Se ele vem acompanhado dos pais, é com estes que a gente se entende e, nesse caso, é-nos muito mais fácil e menos doloroso gemer dificuldades. Se ele vem sozinho, não.

• O gaiato assalta em plena rua, na sua indumentária inconfundível e gracioso desalinhado. Traz no aspecto a miséria do lar, o desleixo da mãe, a história da vida de que ele ainda não deu fé. Afirma à luz do sol o princípio da geração espontânea, muito questionado em nossos tempos, com o seu franco e inocente «eu não tenho pai»; e de bracitos estendidos, olhos faiscentes, lança a súplica irresistível do «deixe-me ir também» — e vai mesmo.

• O complexo social, gerado na própria natureza das coisas, deu sempre ao mundo e dará, enquanto ele gravitar, filhos sem pai. Mas o Padre é pai de todos, por força da sua missão e da vontade de Deus — nomeadamente pai das classes abandonadas. A paternidade do Sacerdote é toda divina, transcendente, incompreensível até, para as gentes a quem escapa a terceira dimensão dos corpos. É puramente espiritual: gerar e formar Cristo nas almas. Só ele, o Padre, e mais ninguém no mundo, tem essa missão, muito embora, por vezes e para muitos, não preste para nada; mas apraz a Deus escolher o que não presta para confusão do que presta. Daí vem que o Mestre, àqueles a quem chama, convidar a subir muito alto. Primeiramente cortar laços de sangue — pais, irmãos, família — o sacrifício do coração. Depois, campos, casas, interesses — o despreendimento total dos bens do mundo. Finalmente, suportar críticas, ciladas, ingratidões, falsos amigos — a compreensão do amor à Cruz. Destas fontes de renúncia promana a paternidade da Sacerdote, o segredo divino e real da sua missão na terra.

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2ª vol.)

Correspondência dos Leitores

Continuação da página 1

No ano centenário de Pai Américo, pensando todos que homenageá-lo não era cantar-lhe loas mas fazer obras que ele, com certeza, gostaria de ver feitas, no Porto, a Assembleia dos Párocos da cidade reflectiu e tentou algo no sentido de erradicar das nossas ruas a legião de mendigos que as invadem, mediante uma acção pronta a responder eficazmente aos casos de autêntica necessidade, a qual legitimaria a repressão dos também muitos pedintes por profissão. Tal exigiria uma colaboração concertada da Segurança Social, do Governo Civil, da Polícia e também do Povo, que em vez da esmolinha fácil com que se descarta de obrigações sociais mais comprometidas, tem de ser educado, exactamente, para as assumir. Não foi fácil a concertação, não porque não haja vontade dela, mas porque ninguém estava disponível para tomar o projecto sobre os ombros, no terreno, no quotidiano; nem, depois de algumas buscas, se achou quem a realizasse. Dinheiro não foi a pedra de tropeço. O problema está nas pessoas que necessariamente teriam de empenhar-se com paixão, abertas ao desgaste que as paixões produzem, na concretização da obra. Aquela paixão que consumiu o Senhor Tenente Rangel até ao fim;

sobre a mesma realidade chocantes que dormem ao relento, intentou um Albergue Nocturno. Não sei, concretamente, as dificuldades que os têm estorvado; só sei que a intenção ainda não se transformou em acto e não é a carência de meios a causa principal do atraso.

Que este retomar de um problema gritante «possa dar o pontapé de saída para mais uma obra de grande humanidade» é o voto que juntamos ao da nossa correspondente; sabendo, todavia, que ela e os demais doridos com esta realidade teremos de continuar sofrendo e lutando para que a obra desejada seja dada à luz.

Padre Carlos

como, no Albergue Nocturno do Porto, consumiu Dona Margarida que em mais de cinquenta anos viveu para os seus hóspedes e, há semanas, com oitenta e muitos, Deus veio buscar para Si.

Também em 1987, em Coimbra, os Vicentinos da cidade, debruçados

SETÚBAL

Continuação da página 1

Foi aquele senhor de Cascais que nos trouxe novecentos contos e se comprometeu a pedir aos amigos pessoais, garantindo-nos quinze sacos de farinha, por mês, para aliviar o peso económico que me acarreta a alimentação dos Rapazes. Foi a campanha sempre crescente dos trabalhadores da Portucel e de outros empreiteiros nela instalados: 206.112\$50; e dos do Centro Regional de Segurança Social de Setúbal: 61.305\$00. Que pena!... ter morrido, na Sapec, na Secil, no Porto de Setúbal e noutras empresas o fermento revigorante capaz de arrancar aos trabalhadores uma gota do seu subsídio de Natal! Basta que dois ou três operários movimentem a iniciativa. É dolorosa. Ouve-se respostas amargas e enfrentam-se atitudes incorrectas, mas é profundamente compensadora.

A Portucel deu cem contos. A Inapa, cinco. A Secil, duas carradas de cimento que ensacámos.

De Instituições oficiais: Vinte contos, da Junta de Freguesia de Palmela; e dois, de S. Sebastião. De todas as outras instituições, nada. A paróquia do Seixal veio em peregrinação anual pagar assinaturas e trazer dádivas: 186.550\$00.

Gente anónima, do Porto, de Coimbra, Aveiro, de Lisboa, Almada, Barreiro, das Beiras, do Alentejo e do Algarve com cheques e vales de 1, 2, 3, 5, 7, 10, 15, 20, 25, 30, 40, 50, 75, 100, 150 e 175 contos em comunhão e alegria, no segredo de Deus, como manda o Evangelho.

Os assinantes d'O GAIATO residentes na Diocese de Setúbal acostumaram-se a pagar o «Famoso» neste período e a repartirem sacrificadas ofertas com mensagens de encorajamento e acção de graças!

Estamos a ajudar várias famílias pobres a adquirir, consolidar e construir as suas casas.

Padre Acílio

Padre Manuel António

ENCONTROS

EM LISBOA

Perante certas atitudes na vida, vem-me sempre à memória a imagem da criança e da noz — que me contaram quando era menino. Para se saborear a noz era preciso começar por sujar as mãos tirando a primeira camada. Depois, sem desistir, era necessário dar-se os meios para partir aquela casca dura que tendia a escapar-se, se a martelada não fosse certa. Era também necessária alguma perícia para não se esmagar o conteúdo e todo o esforço se perder. Só então se poderia sentir a alegria de saborear, em paz, o resultado de tanto trabalho.

Há dias, numa incursão por um bairro de lata, serviu-me de guia uma senhora dos seus 50 anos. Ia alegre. Movimentava-se em terreno conhecido. Chamava toda a gente pelo nome. Perguntava por este e por aquele. Indagava da saúde, do trabalho, da roupa, das vacinas. Aprovei-me que conhecia os médicos e enfermeiros do Centro de Saúde. Sabia quem eram os professores dos meninos do bairro. A sua

vida estava cheia de todas estas vidas. Conta-me soluções, problemas, dificuldades. Era catequista. Com uma vida assim cheia, as suas lições de catequese devem ter o sabor do Sermão da Montanha e o cortante do Julgamento Final. Confidenciou-me que, no princípio, teve medo. Depois foi a alegria interior.

Foi aqui que me veio à ideia a imagem da noz. É um facto que a linguagem religiosa tem avançado na procura daquilo que é mais significativo no Evangelho: «A Boa Nova é anunciada aos Pobres». Fala-se dos Pobres na catequese, nas homilias, nas conferências, nos retiros, nas sessões de estudo... É uma mudança significativa. Mas... sinto que, muitas vezes, se anda à volta do problema. Falta quem suje as mãos e tenha a ousadia de arriscar. Utilizando outra linguagem: falta o compromisso com os Pobres.

Foi pela mão da senhora de que falei que uma médica do Centro de Saúde se interessou pelo bairro de lata e foi com alegria que ouvi uma médica a telefonar-me, em primeiro lugar, e a interessar-se com a sorte

de uns miúdos. Deu muitas voltas antes de chegar até mim. Abriu caminhos. Não descansou, quer nas horas de serviço, quer no tempo de lazer. Tinha que encontrar uma solução.

Os Pobres exigem. Têm direito a ser servidos por gente qualificada, com cursos, em que o saber e a competência sejam postos ao seu serviço. Encontro muitos pais cristãos, muitos párcos, e muitas pessoas de bem pouco preocupadas com a carreira dos seus familiares, amigos ou paroquianos. Não se nota muito a preocupação de saber o que vão fazer com os seus cursos. Deixam-se fascinar pela carreira. O Sermão da Montanha cede, por detrás das miragens de outras terras, quando, afinal, se está em chão cristão. Assim, muitos Pobres ficam sem ser servidos. Faltou a coragem para se ser pobre.

Choca-me que num País que se afirma cristão faltem professores, enfermeiros, médicos, assistentes sociais, etc. em zonas frequentadas por Pobres: cadeias, bairros de lata, ensino especial, terras distantes. Há vagas, há lugares, falta quem os preencha. Quem se apaixone por estes homens, mulheres e crianças. Falta, no fim de contas, quem se comprometa e vá para a frente. Andamos à volta da noz.

Padre Manuel Cristóvão

POBRES

Trago, hoje, à luz do dia, mais um caso que te vai fazer sofrer. Se não fosse a esperança do bem que podes receber e da mudança que pode operar-se em tua consciência, eu calar-me-ia e trabalharia sozinho.

Há Pobres em Portugal. Pobres verdadeiros que estão à beira da miséria. A estes há que dar a mão em primeiro lugar. A responsabilidade que cai sobre os sãos é tanto maior quanto mais saúde têm, mais bem-estar possuem e mais perto estão. Se cada freguesia cuidasse dos seus Pobres, a tempo e horas, não haveria tamanho sofrimento e a vida seria mais apetecida. Vem comigo.

Passei, há dias, por uma aldeia do interior, com escola e professor, pároco, presidente da Junta e gente boa. Há Pobres, ali. No meio deles, dei com uma família constituída pelos pais, unidos pelo amor familiar e seis filhos. Diz-me a professora: «Há uma despesa grande com os filhos, pois nascem perfeitinhas e bonitas, mas chegam à idade dos três aninhos e começam com uma doença em que se babam todos, deixam de andar, só em cadeiras de rodas, e sem verdadeira lucidez».

É o caso mais preocupante. À ignorância junta-se a falta de apoio da comunidade. Não duvido da eficácia duma ajuda que não seria cara. Basta dar as mãos e pôr nelas o que cada um puder. É uma paróquia pobre. Mas quem ignora a energia contida no coração dos Pobres? Sim, só um coração pobre é capaz de entender e descobrir o segredo de tamanho poder. Ele há tanto que fazer! Este campo do Senhor precisa de obreiros. É campo dos vicentinos, por exemplo. Se na paróquia houvesse uma Conferência Vicentina, aquela família estaria melhor. Assim, não há um compromisso sério, eficaz, de ninguém. Nem sequer das boas vontades, que se ficam na contemplação vazia do facto mas não agem. É que não basta saber que existem estes casos. É preciso muito mais: que é que eu posso fazer? As soluções de problemas complicados nascem no coração, no compromisso: que é que eu posso fazer? Quem dera, sim, que ali houvesse uma Conferência

Vicentina que passasse do conhecimento à acção. Nesta paróquia, com esta família a viver em tais condições, quero ver a Igreja que é Mãe. Que se revele! Que dizer de uma mãe que tem um filho em coma e fica quieta a observar e não age, com as portas abertas?

A casa, onde vive, é miserável. Está ali um pólo de desenvolvimento da vida de fé comunitária daquela gente. A habitação vai ser digna. E não lhe vão faltar os meios materiais para viver mais feliz.

Padre Manuel António

Aproveito para transmitir mais uma «ideia» que pode revelar-se na obtenção de «lotes» para casas de família de modestos recursos (Património dos Pobres, Autoconstrução, etc.):

São frequentes os loteamentos de iniciativa particular ou privada. Entre as exigências que os empreendedores enfrentam por parte das Câmaras, portanto além de saneamento, água e luz, inclui-se uma área considerável de terreno que tem vindo a ser aproveitada de diversos modos, como: escola, campo desportivo, sede da junta de freguesia, recreios, etc.

Porque não tentar conseguir que uma parte dessa área se destine a casas de famílias sem recursos?

Talvez seja ideia para agitar e depois aproveitar.

Assinante 5045

Uma carta

HABITAÇÃO

«Cada número d'O GAIATO, que chega, faz estremecer a quem quer, mesmo que julgue andar alerta e aberto!

Por mim, e pela idade, já não me sinto disponível, mas pus-me a pensar e alinhavi umas ideias para o desafio que é a casa para os Pobres ou Indigentes (a que o nosso querido Pai Américo deu soluções pelo Património dos Pobres e pelo slogan 'Cada freguesia cuide dos seus Pobres').

Aqui vão elas:

As carências habitacionais precisam de encontrar eco num grupo de pressão que trabalhe no Parlamento, nas Assembleias municipais, nas Vereações municipais e que faça lobby (o expediente está na moda) contactando deputados de todos os partidos. Todos os partidos podem e têm interesse em ajudar.

Contacto que se pode fazer por cartas a deputados, no Parlamento e Câmaras, tentando aliciar colaboradores políticos. Trabalho que pode ser feito por gente com preparação e desenvoltura apropriadas e que poderá conduzir à criação dum 'grupo parlamentar' de facto, pelo menos, que poderia elaborar (ou mandar elaborar) projectos para enfrentar o problema. Mesmo um mini-congresso para produzir sugestões de auxílio, como empréstimos bonificados para aquisição de lotes, implementação da legislação dispersa para Autoconstrução, facilidades para os Autoconstrutores, projectos-tipo, melhoramento de habitações: casas de banho, cozinhas, abastecimento de água, instalação eléctrica, etc. Um 'caderno

com o processo burocrático e os funcionários que possam ou devam tratar do assunto. Estatutos para cooperativas. O preço (em percenta-

Tribuna de Coimbra

• A guerra, o conflito, são as notícias de todas as horas. As ameaças. As retaliações. O ódio. A vingança. Os homens uns contra os outros. Querem também pôr Deus no meio. Uma causa santa. Um mundo de confusões.

Deus não pode nem quer estar na guerra. Deus é Pai e quer a paz para todos os filhos. Quer que todos se sentem à Sua Mesa e comam do mesmo Pão. Quer uma mesa comum e que o pão chegue para todos. Criou o suficiente para matar a fome a toda a família.

A guerra é consequência do pecado do homem. Fruto da má partilha. Consequência de não se sentar à mesma mesa. Resultado de sumptuosos palácios, de armas de longo alcance, de material super, super, super. O homem que se quer confundir com Deus.

Não à guerra. Não aos homens endeusados.

• Vamos dar uma olhadela a esta nossa família. Mesmo agora veio uma queixa do «Rua», que não pára! No princípio do ano escolar foi para Coimbra, mas... teve de regressar. É guerrilheiro. Grita. Ameaça. Chora. Ri. Goza. É gozado. Ranho no nariz. Fralda de fora. Botões por abotoar. Quase sempre um sinal de guerra. Uma imagem de muitos aspectos da Rua Direita.

O Patrício veio, a chorar, dizer das ameaças do «Bula». O «Bula» veio, há pouco, de Luanda, cheio de vida e de sinais de guerra. Cara de riso e mãos de agressividade. Não parece a mesma pessoa. Mete-se com todos e desafia para a bulha. Continuamos a receber muitas queixas das mãos do «Bula», embora nos pareça um pouco mais manso. Fez a primeira Comunhão e está a aproveitar na escola. Sinais de paz.

O Telmo trouxe pela mão direita o David e o Marco. Eram horas de deitar. Foi apanhá-los no telhado para irem aos bolos. Àquela hora!... Sujeitos a cair!...

Sinais da guerra na família onde foram gerados e viveram. Filhos de pais separados. Vidas à solta. As feridas na cara e no corpo do David e o olhar sempre de lado. O aspecto triste do Marco e os olhos sempre no chão.

Queremos teimar a construir a paz.

Padre Horácio

gem dum total) das partes principais de uma casa: o lote; as fundações e o 'grosso'; o telhado, portas e janelas; o 'fino' (acabamentos). A nível de Igreja não faltariam voluntários (técnicos, desenhadores, arquitectos e engenheiros).

Um programa deste género precisaria de um 'gabinete sombra'.

As carências de habitação nem os governos nem a iniciativa privada podem resolvê-las duma penada. Só com 'pressão' e 'organização', dada a sua complexidade.

O afluxo da periferia ou do interior para os grandes centros urbanos ou do litoral nunca parará, enquanto lá não houver favoráveis condições de trabalho. Se não for desacelerada esta corrente, por mais casas que se construam (à custa dos dinheiros públicos) nunca as barracas acabarão à volta dos grandes centros urbanos.

Seria útil tentar fazer uma relação exaustiva (por concelhos) das iniciativas do Povo de Deus (Igreja): Obra da Rua, Conferências Vicentinas, Lares (diversos com diferente nomes — uma imensidade!), Misericórdias, etc. Quem o poderia fazer (começar)?



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chete de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Janeiro: 73.700 exemplares.